

NELLA LARSEN IDENTIDADE

Tradução
Rogerio W. Galindo



Rio de Janeiro, 2020

Copyright ©1929 by Nella Larsen / ©2020 HarperCollins Brasil

Título original: *Passing*

All rights reserved.

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Daiane Cardoso*

Revisão: *Suelen Lopes*

Capa: *Leticia Quintilhano*

Imagens de capa: *Getty Images*

Diagramação: *Abreu's System*

CIP-Brasil, Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L345i

Larsen, Nella, 1891-1964

Identidade / Nella Larsen; tradução Rogério W. Galindo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

Tradução de: *Passing*

ISBN 9786555110519

1. Ficção americana. I. Galindo, Rogério W. II. Título.

20-65610

CDD: 813

CDU: 82-3(75)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6155

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1050

www.harpercollins.com.br

SUMÁRIO

Parte Um: Encontro

Um

Dois

Três

Quatro

Parte Dois: Reencontro

Um

Dois

Três

Quatro

Parte Três: Conclusão

Um

Dois

Três

Quatro

Posfácio

Sobre a autora

Para Carl van Vechten e Fania Marinoff

Há três séculos fui retirado
Do cenário por meu pai amado
Terra, canela, capim
O que é a África para mim?

— Countee Cullen

Parte Um

Encontro

UM

Era a última carta na pequena pilha de correspondência matinal destinada a Irene Redfield. Depois das cartas comuns e com endereçamento inequívoco, o longo envelope de fino papel italiano com rabiscos quase ilegíveis parecia deslocado e estranho. Também havia nele algo de misterioso e um pouco furtivo. Algo fino e dissimulado, sem qualquer endereço para devolução que delatasse o remetente. Não que ela tivesse adivinhado de imediato quem enviara a missiva. Mais ou menos há dois anos, recebera uma carta de aparência muito similar. Furtiva, mas, de algum modo, determinada e peculiar, um pouco ostentatória. Tinta roxa. Papel estrangeiro de tamanho incomum.

A carta havia sido postada, notou Irene, no dia anterior em Nova York. Suas sobrancelhas se franziram, tornando seu olhar severo. A careta, contudo, era mais de perplexidade que de irritação, embora houvesse um pouco de ambas em seus pensamentos. Irene era completamente incapaz de compreender as motivações para aquele envio diante do infortúnio que, ela tinha certeza, o conteúdo da carta revelaria, e não gostava da ideia de abrir o envelope e ler a mensagem.

Isso, refletiu ela, era coerente com tudo que sabia sobre Clare Kendry. Sempre a um passo do perigo. Sempre consciente, mas sem recuar ou mudar de direção. Decerto, Clare não desviaria de seu propósito por causa de algum receio ou de qualquer sentimento de ultraje manifestado por terceiros.

E, por um breve instante, Irene Redfield pareceu ver uma menina pálida sentada em um sofá azul puído, costurando retalhos de cor vermelha, enquanto o pai bêbado, um sujeito alto de compleição poderosa, vociferava, ameaçador, e andava pela sala desarrumada, bradando palavrões e dirigindo-lhe ataques desajeitados. Mesmo sendo, na maioria das vezes, ineficazes, essas investidas não deixavam de ser assustadoras. Em certas ocasiões, ele conseguia inquietá-la. Porém, o simples fato de a menina se desviar com sua humilde costura para o canto mais distante do

sofá sugeria que ela, de alguma forma, ficava perturbada por aquela ameaça a si e ao seu trabalho.

Clare sabia muito bem que não era seguro pegar sequer uma fração do dólar que era seu salário semanal pelos muitos serviços que prestava à costureira que morava no último andar do prédio em que Bob Kendry era zelador. Mas saber disso não a impediu. Ela queria ir ao piquenique da escola dominical, e decidira que usaria um vestido novo. Assim, apesar de certo aborrecimento e do possível perigo, ela pegou o dinheiro para comprar o material que usaria naquele modesto traje vermelho.

A ideia que Clare Kendry fazia da vida, mesmo naquela época, não era de que deveria se sacrificar. Ela não via motivos para ser fiel a qualquer outra coisa além de seus desejos imediatos. Era egoísta, fria e exigente. E, no entanto, também demonstrava uma estranha capacidade de performar atos de ardor e paixão, chegando por vezes à beira do heroísmo teatral.

Irene, que era mais velha do que Clare um ano ou pouco mais, lembrava-se do dia em que Bob Kendry fora levado morto para casa, assassinado em uma briga de bar idiota. Clare, que naquela época mal tinha 15 anos, ficara parada com os lábios cerrados, os braços magros cruzados junto ao peito estreito, olhando para baixo e fitando o familiar rosto branco-pálido do pai com certo desdém nos oblíquos olhos negros. Por muito tempo permanecera ali, em silêncio e observando. Depois, de repente, deixara sair uma torrente de lágrimas, o corpo delgado se agitando, enquanto puxava os cabelos brilhantes e batia os pés pequenos. A explosão terminara tão rápido quanto havia começado. Ela fitara a sala vazia, assimilando a imagem de todos que estavam ali, inclusive dos dois policiais, com um olhar cortante de desprezo luminoso. No instante seguinte, já tinha dado as costas e desaparecido pela porta.

Vista em retrospecto, a cena parecia mais o extravasamento de uma fúria reprimida do que do luto transbordante pelo pai morto; embora Clare fosse, Irene precisava admitir, afeiçoada a ele de uma maneira muito própria e felina.

Felina. Certamente essa era a palavra que melhor descrevia Clare Kendry, se é que uma única palavra poderia descrevê-la. Por vezes, ela era

fria e não demonstrava qualquer sentimento; em outras situações, afetuosa e impulsiva. E havia nela uma espantosa e suave malícia, oculta nas profundezas até que alguém a provocasse. Então, Clare era capaz de arranhar, e com bastante eficiência, diga-se de passagem. Ou, se levada à fúria, ela brigava com uma ferocidade e um ímpeto que a faziam desconsiderar ou esquecer qualquer perigo, força superior, inimigos ou quaisquer outras circunstâncias desfavoráveis. A selvageria com que Clare arranhara aqueles meninos no dia em que eles assobiaram para o pai dela e cantaram aquele versinho jocoso, que ressaltava as excentricidades de seu andar cambaleante! E com que determinação...

Irene trouxe seus pensamentos de volta ao presente, para a carta de Clare Kendry que ela ainda segurava nas mãos, sem abrir. Com certa apreensão, cortou o envelope devagar, tirou dele as folhas dobradas, espalhou-as e começou a ler.

Era, viu de imediato, o que esperava desde que soube pelo carimbo postal que Clare estava na cidade. Um desejo, fraseado de maneira extravagante, de voltar a se encontrar com Irene. Bom, ela não precisava daquilo e não consentiria um encontro, pensou. Nem ajudaria Clare a realizar seu tolo desejo de voltar, mesmo que por um segundo, àquela vida que havia muito tempo, e por vontade própria, ela tinha deixado para trás.

Irene passou os olhos pela carta, decifrando, da melhor maneira possível, as palavras dispostas sem cuidado ou intuindo o significado delas.

“... porque estou sozinha, tão sozinha... não tenho como evitar querer estar com você de novo, de um jeito como nunca quis nada antes; e já quis muita coisa nesta vida... Você não sabe como nessa minha vida desbotada fico vendo o tempo todo imagens brilhantes daquela outra, da qual certa vez fiquei feliz de me libertar... É como uma dor, uma dor que nunca acaba...”
Folhas e folhas finíssimas disso. E enfim terminando com: “E a culpa é sua, Irene querida. Pelo menos em parte. Pois acho que não sentiria agora esse desejo terrível, incontrolável, se não tivesse visto você aquela vez em Chicago...”

Rubros trechos brilhantes surgiram no rosto quente, cor de oliva, de Irene.

“Aquele vez em Chicago.” As palavras saltavam do meio dos muitos parágrafos, trazendo com elas uma memória clara, lancinante, em que mesmo agora, após dois anos, a humilhação, o ressentimento e a raiva se mesclavam.

Eis o que Irene Redfield lembrou.

Chicago. Agosto. Um dia brilhante e calorento, com um sol brutal derramando raios que eram como chuva incandescente. Um dia em que os contornos dos edifícios estremeciam como se protestassem contra o calor. Trêmulas linhas subiam do asfalto em cozimento e se contorciam pelas ruas reluzentes. Os automóveis estacionados na sarjeta eram como chamas bruxuleantes, e o vidro das vitrines fulguravam em ofuscante esplendor. Partículas penetrantes de poeira subiam das calçadas ardentes, picando a pele ressequida ou suada dos esmorecidos pedestres. A pouca brisa parecia o hálito de uma fogueira espalhado por lentos foles.

Foi naquele dia, dentre tantos outros, que Irene saiu para comprar as coisas que prometera levar de Chicago para casa, para os dois filhos pequenos, Brian Júnior e Theodore. Bem a seu modo, ela adiara aquilo até que restassem apenas uns poucos dias atribulados de sua longa visita. E aquele dia sufocante era o único livre de compromissos até a noite.

Ela conseguiu o avião de brinquedo para Júnior sem muita dificuldade. No entanto, o livro de desenhos, sobre o qual Ted tanto insistira, com instruções sérias e precisas, a obrigou a entrar e sair de cinco lojas sem sucesso.

Foi quando estava indo rumo à sexta loja que, bem diante de seus olhos castigados pelo sol, um homem caiu e se tornou um amontoado inerte no cimento escaldante. Em torno da figura inanimada reuniu-se uma pequena multidão. “Será que o sujeito está morto ou só desmaiou?”, perguntou-lhe alguém. Mas Irene não sabia e nem tentou descobrir. Afastou-se da turba crescente, sentindo-se desagradavelmente úmida, pegajosa e suja pelo contato de tantos corpos suados.

Por um momento, ela ficou se abanando e tocando no próprio rosto úmido com um retalho que lhe servia como lenço. De repente, se deu conta de que toda a rua estava com uma aparência vacilante e percebeu que estava prestes a desmaiar. Constatando a necessidade de segurança

imediate, ergueu a mão e acenou na direção de um táxi estacionado bem em frente a ela. O motorista suado saltou e conduziu-a até o carro. Ele a ajudou a entrar, quase a colocando dentro do veículo. Irene afundou no banco quente de couro.

Por um minuto seus pensamentos estavam nebulosos. Então, ficaram mais claros.

— Acho — disse ela a seu bom samaritano — que preciso de chá. Em uma cobertura, em algum lugar.

— O Drayton, madame? — sugeriu ele. — Dizem que lá em cima sempre tem uma brisa.

— Obrigada. Acho que o Drayton está ótimo — respondeu ela.

Houve aquele pequeno chiado da embreagem sendo solta quando o sujeito mudou a marcha e deslizou para o meio do tráfego fervilhante. Recuperando o fôlego com a brisa quente que o táxi gerava ao se movimentar, Irene ensaiou algumas pequenas tentativas de consertar os estragos que o calor e a multidão fizeram a sua aparência.

Pouco depois, o ruidoso veículo foi em direção ao meio-fio e parou. O motorista saltou e abriu a porta antes que o enfeitado porteiro pudesse fazê-lo. Ela saiu, e, agradecendo com um sorriso e de uma maneira mais substancial pela ajuda gentil e pela compreensão, entrou pelas amplas portas do Drayton.

Ao sair do elevador que a levou à cobertura, Irene foi conduzida a uma mesa bem em frente a uma longa janela, cujas cortinas, que se moviam com suavidade, sugeriam uma brisa fresca. Aquilo era, pensou, como ser elevada em um tapete mágico rumo a um novo mundo, agradável, silencioso e estranhamente distante daquele outro fervente, que deixara lá embaixo.

O chá, quando chegou, era tudo que ela desejava e esperava. Na verdade, aquilo era tanto o que ela havia desejado e esperado que, após o primeiro e demorado gole refrescante, pôde se esquecer da bebida, tomando pequenos sorvos do copo verde e alto de vez em quando, um pouco distraída, enquanto inspecionava o ambiente ou olhava para os pré-

dios mais baixos no impassível azul do lago rumo a um horizonte sem fim.

Irene passou algum tempo olhando para baixo, vendo as manchinhas dos carros e das pessoas se arrastando pelas ruas, pensando em como elas pareciam tolas, quando, de repente, ao pegar o copo, ficou surpresa de perceber que enfim estava vazio. Pediu mais chá e, enquanto esperava, começou a se lembrar dos acontecimentos do dia e a pensar sobre o que faria com Ted e seu livro. Por que ele quase sempre queria alguma coisa difícil ou impossível de encontrar? Igualzinho ao pai. Sempre querendo algo que não podia ter.

Agora ouvia vozes, a estrondosa de um homem e a ligeiramente rouca de uma mulher. Um garçom passou por ela, seguido de uma moça com um perfume doce em um vestido esvoaçante de chiffon verde cujo padrão de narcisos, junquinhos e jacintos era um lembrete dos dias frescos e agradáveis da primavera. Atrás dela, havia um homem, com o rosto bastante vermelho, secando o pescoço e a testa com um grande lenço amarrotado.

— Ah, não — sussurrou Irene, exasperada, a voz um pouco áspera pela irritação, porque, depois de uma pequena discussão e de alguma agitação, o grupo tinha parado na mesa bem ao lado. Ela estava sozinha perto da janela e achava o silêncio satisfatório. Agora, claro, eles iam tagarelar.

Mas não. Apenas a mulher se sentou. O sujeito permaneceu de pé, mexendo, distraído, no nó da gravata azul-brilhante. A voz dele viajava com clareza pelo espaço que separava as mesas.

— Vejo você mais tarde, então — disse ele, olhando para a mulher. Seu tom era de prazer, e ele ostentava um sorriso.

Os lábios da mulher se separaram e deram alguma resposta, mas suas palavras foram borradas pela pequena distância e pela mescla de ruídos vindos das ruas lá embaixo. Não chegaram a Irene. Porém, ela observou o sorriso peculiarmente carinhoso que as acompanhou.

O homem disse:

— Bom, acho melhor eu ir. — Ele sorriu de novo, deu tchau e foi embora.

Era uma mulher atraente, na opinião de Irene, com aqueles olhos escuros, quase negros, e a boca de lábios grossos que lembrava uma flor escarlate em contraste com o mármore da pele. As roupas também eram boas, perfeitas para o clima, finas e frescas sem parecerem amarrotadas, como acontece tantas vezes com tecidos de verão.

Um garçom anotava o pedido dela. Irene viu que a mulher sorriu ao sussurrar algo — um agradecimento, talvez. Era um tipo estranho de sorriso. Irene não sabia defini-lo bem, mas estava certa de que, vindo de outra mulher, classificaria como um pouquinho provocativo para se dirigir a um garçom. Naquele sorriso, no entanto, havia algo que a fazia hesitar em usar essa palavra. Certa impressão de autoconfiança, quem sabe.

O garçom voltou com o pedido. Irene viu a mulher abrir o guardanapo sobre o colo, viu a colher de prata na mão branca fender o ouro baço do melão. Então, consciente de que estava a encarando, desviou o olhar.

Seus pensamentos se voltaram para os próprios assuntos. Ela resolvera qual dos dois vestidos era o mais apropriado para o jogo de bridge daquela noite, em salas cuja atmosfera estaria tão densa e quente que, toda vez que inspirasse, seria como se estivesse inalando sopa. Vestido escolhido, os pensamentos dela se voltaram ao problema do livro de Ted, seus olhos focando algo distante, o lago, quando, por algum sexto sentido, tornou-se consciente de que alguém a observava.

Muito devagar, Irene observou ao redor e viu os olhos escuros da mulher de vestido verde da mesa ao lado. Mas era evidente que ela não tinha se dado conta de que um interesse tão intenso como o que demonstrava poderia ser constrangedor, e continuou olhando. Seu comportamento era o de alguém que, com extrema dedicação e propósito, estava decidido a lembrar de modo firme e preciso cada detalhe dos traços de Irene até o fim dos tempos, e sequer demonstrava o menor vestígio de embaraço por ter sido detectada em seu escrutínio.

Pelo contrário, foi Irene quem ficou incomodada. Sentindo que corava sob a inspeção contínua, baixou o olhar. Qual, ela se perguntou, poderia ser a razão para tamanha atenção? Será que, na pressa do táxi, colocara o

chapéu ao contrário? Com cuidado, ela o apalpou. Não. Talvez uma mancha de pó de arroz em seu rosto. Ela passou rapidamente o lenço pelas bochechas. Algo errado com o vestido? Deu uma olhadela. Tudo perfeito. O que era então?

Mais uma vez ergueu o olhar e, por um momento, seus olhos castanhos devolveram o olhar daqueles olhos negros de maneira educada, mas nem por um instante se abaixaram ou hesitaram. Em sua mente, Irene deu de ombros. Tudo bem, deixe-a olhar! Tentou tratar a mulher e seu olhar com indiferença, mas não conseguiu. Todos os esforços feitos para ignorá-la, ignorar aquilo, eram inúteis. Deu outra olhadela. Ela ainda observava. Que estranhos olhos lânguidos!

E, aos poucos, cresceu em Irene uma pequena perturbação interior, odiosa e detestavelmente familiar. Ela abriu um sorriso suave, mas seus olhos brilharam.

Será que aquela mulher poderia saber, será que ela, de algum modo, tinha como saber que ali, diante de seus olhos na cobertura do Drayton, estava sentada uma negra?

Absurdo! Impossível! Os brancos eram muito estúpidos em relação a essas coisas, embora, em geral, dissessem que sabiam reconhecer a diferença — e pelos meios mais ridículos, como as unhas, a palma da mão, o formato das orelhas, os dentes e outras tantas tolices. Sempre achavam que ela era italiana, espanhola, mexicana ou cigana. Nunca, quando estava sozinha, pareceram ter a mínima suspeita de que ela era negra. Não, a mulher que a encarava não tinha como saber.

No entanto, Irene sentiu raiva, desprezo e medo se infiltrarem. Não que tivesse vergonha de ser negra, não se envergonhava nem mesmo de dizer isso. Era a ideia de ser expulsa de um lugar, ainda que do modo polido e diplomático com que a equipe do Drayton provavelmente faria, que a incomodava.

Irene, porém, olhou, dessa vez com coragem, para os olhos que continuavam compenetrados nela sem tentar se esconder. Não achou que aquele olhar fosse hostil ou de ressentimento. Pelo contrário, teve a impressão de que a mulher estava pronta para sorrir, caso ela mesma

sorrisse. Absurdo, é claro. A impressão passou, e Irene desviou o olhar com a firme intenção de observar o lago, o topo dos edifícios do outro lado da rua, o céu, qualquer coisa que não fosse aquela mulher irritante. Quase de imediato, no entanto, seu olhar retornou. Em meio à névoa de sua inquietação, ela fora capturada por um desejo de encarar a rude observadora até que a desconhecida desviasse o olhar. Imaginava que sem dúvida a mulher soubesse sua raça ou que ao menos suspeitasse do fato. Ela não tinha como provar.

De repente, seu pequeno receio cresceu. A vizinha de mesa havia se levantado e estava vindo na direção de Irene. O que ia acontecer?

— Perdão — disse a mulher, de modo agradável —, mas acho que conheço você. — Sua voz, um pouco rouca, tinha certo tom de ambiguidade.

Olhando para ela, as suspeitas e os receios de Irene desapareceram. Era inquestionável que se tratava de um sorriso amistoso, e não havia como resistir a seu charme. Na mesma hora, Irene se rendeu e sorriu de volta, respondendo:

— Receio que esteja enganada.

— Ah, mas é claro que conheço você! — exclamou a mulher. — Você é Irene Westover, não é? Ou ainda a chamam de Rene?

No breve segundo antes da resposta, Irene tentou em vão se lembrar de onde e de quando poderia ter conhecido aquela mulher. Ali, em Chicago. E antes de seu casamento. Essa parte era evidente. Escola? Faculdade? Comitês de grupos de jovens cristãos? O mais provável era a escola. Quais moças brancas ela conheceu tão bem a ponto de que a chamassem de Rene? A mulher diante dela não se encaixava na memória de nenhuma delas. Quem era ela?

— Sim, sou Irene Westover. E apesar de ninguém mais me chamar de Rene, é bom ouvir esse apelido de novo. E você? — perguntou ela, hesitante e envergonhada de não conseguir lembrar, na esperança de que uma frase completasse a outra.

— Não me reconhece? Não mesmo, Rene?

— Desculpe, mas agora parece que não consigo lembrar.